

---

**Protagonismo Feminino:  
Uma Análise da Representação da Personagem Arlequina no Cinema<sup>75</sup>**

**Female Protagonism:  
An Analysis of The Representation of The Character Harley Quinn at The Cinema**

Guilherme Machado da ROCHA<sup>76</sup>

Nathalia PITOL<sup>77</sup>

Milena Carvalho Bezerra Freire de OLIVEIRA-CRUZ<sup>78</sup>

**RESUMO**

O presente artigo busca realizar uma análise comparativa com enfoque na representação da personagem Arlequina em suas duas aparições no cinema, nos filmes *Esquadrão Suicida* (2016) e *Aves de Rapina* (2020), evidenciando diferenças e semelhanças entre as obras e a maneira como a figura feminina é produzida. Ademais, a fim de alcançar os resultados investigados, foi utilizada pesquisa bibliográfica com fins dissertativos. Por meio da análise, pode-se apontar a evolução na representação da personagem, com destaque para a readequação da Arlequina no filme dirigido por Cathy Yan.

**PALAVRAS-CHAVE**

Arlequina; Aves de Rapina; Esquadrão Suicida; Representação feminina.

**ABSTRACT**

This article seeks to carry out a comparative analysis focusing on the representation of the character Arlequina in his two appearances in cinema, in the films *Suicide Squad* (2016) and *Birds of Prey* (2020), highlighting differences and similarities between the works and the way in which the female figure is produced. Furthermore, in order to achieve the investigated results, a bibliographic research was used for dissertation purposes. Through the analysis, it is possible to point out the evolution in the representation of the character, with emphasis on the readjustment of Harlequin in the film directed by Cathy Yan.

**KEYWORDS**

Harley Quinn; Birds of Prey; Suicide Squad; Female representation.

---

<sup>75</sup> Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>76</sup> Estudante do Curso Comunicação Social – Relações Públicas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e-mail: [guimdarocha@gmail.com](mailto:guimdarocha@gmail.com)

<sup>77</sup> Estudante do Curso Comunicação Social – Relações Públicas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e-mail: [nathalia.pitol@gmail.com](mailto:nathalia.pitol@gmail.com)

<sup>78</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e-mail: [milena.freire@ufsm.br](mailto:milena.freire@ufsm.br)

---

## INTRODUÇÃO

Quando falamos em representação feminina, falamos também em representação social. Com isso, o sociólogo Bourdieu afirma que a representação masculina parte do homem enquanto sexo dominante, e a feminina vêm da mulher enquanto sexo submissivo (Bourdieu, 2002, *apud* Barbosa, 2020). Por essa estrutura simbólica estar tão implantada culturalmente, elas foram por muito tempo naturalizadas, ou seja, por fazerem parte da estrutura social, não houve uma ampla contestação sobre ela. Os questionamentos começam quando transformações políticas e sociais passam a acontecer. Ainda conforme Barbosa (2020, p. 4), “no caso das questões de gênero, esses questionamentos são bem recentes, o que significa que ainda possui conflitos sociais referentes à sua aceitação”.

Nesse contexto, desde o século XIX – e até muito antes disso – a representação das mulheres dependia dos homens, que foram, por um longo período de tempo, os únicos historiadores. Conforme Colling (2004, p. 13), “os historiadores ocultaram-nas como sujeitos, tornaram-nas invisíveis. Responsáveis pelas construções conceituais, hierarquizaram a história, com os dois sexos assumindo valores diferentes; o masculino aparecendo sempre como superior ao feminino”.

Desta forma, a figura feminina foi pensada de forma hierarquizada, com o homem possuindo maior exercício de poder que a mulher. Atualmente, por mais que as mulheres tenham alcançado um nível maior de igualdade dentro da sociedade, características dessa cultura patriarcal continuam presentes, como é o caso da representação hipersexualizada da figura feminina em produções audiovisuais, elaboradas para agradar e atrair o público masculino através da exposição desnecessária do corpo feminino.

Isso se dá pelo fato de que a participação na execução de filmes (direção) é ocupada, em sua grande maioria, por homens. De acordo com estudo<sup>79</sup> divulgado pela *USC Annenberg Inclusion Initiative* (2020), as mulheres representam apenas 4,8% do total de diretores dos 1300 filmes de maior bilheteria lançados de 2007 a 2019.

Assim, a figura feminina segue sendo construída de forma a agradar os olhares masculinos, representada muitas vezes como coadjuvante, interesse amoroso do protagonista

---

<sup>79</sup> Disponível em: <http://assets.uscannenberg.org/docs/aii-inclusion-directors-chair-20200102.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2020.

homem e objeto de prazer (sexualizada e fetichizada). Diante disso, fica evidente que as representações femininas construídas através dos séculos foram pensadas através do olhar masculino para agradar e atender seus gostos. Desse modo, conforme Cruz (2010, p.72), essas perspectivas ficaram conhecidos como *Male Gaze* ou olhar predador:

Laura Mulvey (1975) desenvolveu o conceito de male gaze quando, ao fazer a distinção analítica entre emissão e recepção, analisou o espectador ideal, argumentando que as imagens oferecidas por Hollywood tinham o objectivo de fomentar o prazer visual masculino, que ela “interpreta com os paradigmas da psicanálise, incluindo scopophilia e voyeurismo” (Sturken e Cartwright, 2001: 76). O conceito de gaze tem, fundamentalmente, a ver com a relação entre o prazer e as imagens. Male gaze é aqui desenvolvido no sentido do poder de quem olha e do desapossamento de quem é olhado (idem: 76), salientando-se igualmente a dimensão do olhar colonizador.

O avanço das pautas feministas nos últimos anos ajudou a fortalecer reflexões acerca da igualdade de gênero e a contestar a representação da mulher em produtos midiáticos. Pensando nisso, este artigo busca realizar uma análise comparativa, com enfoque na representação da personagem Arlequina (Harley Quinn) em suas duas aparições no cinema, nos filmes *Esquadrão Suicida* (2016) e *Aves de Rapina* (2020), evidenciando diferenças e semelhanças entre as obras e a maneira como a figura feminina é produzida.

De acordo com Paul Dini (2017<sup>80</sup> apud BARBOSA; PASSOS, 2020, p. 185), “Arlequina foi pensada para a animação *Batman: a série animada* como uma mera coadjuvante, mas acabou conquistando o público e se tornando permanente na franquia”. Inicialmente a personagem aparece por poucos minutos na série animada, apenas como coadjuvante, para ajudar e bajular o Coringa. Com sua alta popularidade, Paul Dini desenvolve-a como namorada e parceira de crime de Coringa, normalmente atuando como auxiliar do vilão, com um enredo que traz referências cômicas à vida cotidiana do casal (BARBOSA; PASSOS, 2020).

Apesar de ter sido criada como personagem secundária, a alta popularidade de Arlequina fez com que o arco da anti-heroína se estendesse a animações próprias, aos quadrinhos, jogos e cinema. Contudo, neste artigo nos limitaremos a analisar apenas as obras cinematográficas anteriormente citadas, sem se ater a demais informações relacionadas a construção da personagem em demais mídias.

---

<sup>80</sup> Criador da personagem Arlequina

---

## A CONSTRUÇÃO FEMININA EM PRODUTOS MIDIÁTICOS

Podemos notar em diferentes momentos da história que a presença da mulher nas mais variadas plataformas de mídia tem mudado conforme o interesse e a necessidade do mercado. Para Barbosa e Passos (2020, p. 185), a figura de Arlequina é um exemplo de “como representações do feminino podem ser transmitidas na mídia com influência da modificação do meio social, cultural e mercadológico”.

Embora muitas vezes subjetiva, as mensagens transmitidas por estes meios nos instigam a uma reflexão sobre o verdadeiro papel feminino na sociedade. Em uma escala global, a figura da mulher tende a ser representada seguindo padrões como: sexo frágil, inferior e submissa a um personagem/protagonista homem, atuando como coadjuvante, interesse amoroso ou de forma sexualizada, de modo a satisfazer os desejos do público masculino.

De acordo com a historiadora Barbara J. Berg, em sua colocação ao documentário *Miss Representation* (2011),

Se olharmos de perto nosso registro histórico, começamos a entender o papel crítico que a mídia tem tido na definição quem [as mulheres] são. O patriarcalismo é realmente um padrão na América, onde os homens detêm privilégios e poder, fazendo com que as mulheres sejam tratadas como coadjuvantes. Isso sempre foi problemático na sociedade americana, mesmo que as mulheres tenham ganhado poder.

Ao longo do tempo, com a ascensão de questionamentos sociais acerca da representação feminina, os meios de comunicação de massa se viram na necessidade de se adequar, moldando seus produtos aos anseios do público, que levanta incontáveis críticas ao sistema patriarcal e machista e auxilia na disseminação inferiorizada da posição das mulheres na sociedade.

Notamos, assim, uma constante alteração do papel da mulher na mídia, que ocorre de acordo com os interesses daqueles que a produzem. Com os olhares voltados ao capital, as produções costumam visar o lucro, sendo produzidas seguindo determinados padrões, muitas vezes ultrapassados, mas que teriam uma probabilidade maior de gerar retorno financeiro. Devido a demandas por igualdade de gênero e necessidade de identificação, mudanças buscam se adequar às novas ideias presentes no mundo atual, porém, por essa demanda não ser absoluta e depender do lucro gerado pela produção, ocorrem de forma lenta e gradual.

---

## ***ESQUADRÃO SUICIDA***

Baseado na equipe de anti-heróis de mesmo nome que aparecem em quadrinhos publicados pela *DC Comics*<sup>81</sup>, o filme *Esquadrão Suicida* foi lançado pela produtora *Warner Bros.* em agosto de 2016 e é o terceiro filme do Universo Estendido da *DC*. A obra contou com a direção e roteirização de David Ayer e uma equipe de produção majoritariamente masculina, com a participação de apenas uma mulher. A trama acompanha um grupo de supervilões encarcerados que são recrutados para executar uma missão secreta em troca da redução de suas sentenças. Caso não obedeçam às ordens de seus superiores, um nanoexplosivo injetado em seus pescoços é acionado, dando fim a suas trajetórias.

A história se desenrola com fatores que são comuns a filmes de super-heróis: muitas cenas de ação, batalhas épicas e suspense. Entretanto, um aspecto específico chama a atenção na forma em que os personagens foram elaborados para o filme: a presença feminina. Harley Quinn, uma das protagonistas do filme, é retratada como uma vilã, que junto dos demais prisioneiros do governo, devem realizar uma missão secreta. O que chama a atenção, porém, é a forma que a personagem é caracterizada no filme, a começar por suas roupas. Enquanto os personagens homens vestem roupas condizentes com suas personalidades fortes, sem maiores apelos para a sensualidade, Arlequina passa a maior parte do filme com vestes curtas, sensuais e que são enfatizadas a todo o momento por jogos de câmera que evidenciam o corpo da atriz. De acordo com Caroline Heldman, presidente do departamento de Teoria Crítica e Justiça Social do Occidental College, em sua fala no documentário *Miss Representation* (2011),

[...] vemos também um aspecto disso nos papéis em que a mulher parece ter poder. Ela é destaque na história: a heroína da ação, mas quando você analisa mais a fundo, percebe que não se trata da sua capacidade de ação. Porque, mesmo quando ela está supostamente no comando, ainda assim é usada como objeto e está ali para o espectador do sexo masculino.

Em mais um exemplo de objetificação do corpo feminino, Arlequina tem um papel de submissão no filme, que torna evidente a construção da personagem baseada no estereótipo de agrado ao público masculino, da mesma maneira que podem ser notados tantos outros casos em

---

<sup>81</sup> A *DC Comics* é uma editora norte-americana subsidiária da companhia do *Time Warner*, especializada em histórias em quadrinhos e mídias relacionadas, sendo considerada uma das maiores companhias ligadas a este ramo no mundo. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/dc-comics>. Acesso em: 10 jul. 2020.

que atrizes são expostas a trajes curtos, em que seus corpos viram objetos de apreciação de um público que deixa a arte da encenação e o trabalho artístico em segundo plano.

A objetificação do corpo de Arlequina fica explícita, mais uma vez, na cena (Figura 1) em que todos os personagens do grupo recebem suas vestimentas, mas apenas ela é enquadrada pela câmera no momento em que se veste. Além disso, todos os homens presentes na cena param o que estão fazendo para observá-la se trocar. A concepção desta cena apela claramente para a exploração do erotismo como elemento persuasivo, a fim de prender a atenção do público masculino, disfarçada através do humor, quando a personagem nota que a atenção está voltada para ela e todos voltam a seguir seu rumo.

**Figura 1.** Cena em que Arlequina troca de roupa



Fonte: Omelete (2020).

Além de todas as cenas em que a caracterização de Arlequina é sexualizada, para o agrado da audiência masculina, em diversos momentos a personagem se submete ao Coringa, seu namorado e um dos personagens principais da trama. Interpretado por Jared Leto, o vilão frequentemente trata Arlequina como sua serviçal, deixando de forma explícita que ele é "superior" a ela. Tais constatações se enquadram no que Barbosa e Passos (2020, p.186) definem por “representações que encarnam um conjunto de condutas sociais, herdeiras de longo processo de justificações das mais variadas formas para naturalizar a dominação do homem em relação à mulher”.

Na época do lançamento, inúmeros comentários e críticas nas redes sociais – palcos de debates dos mais variados assuntos – foram direcionados ao posicionamento do filme quanto à imagem feminina que ele expõe. Boa parte do público expôs pensamentos e descontentamentos com a forma que o sexo feminino foi representado, ocasionando a repercussão do assunto em

---

grande escala, que tempo depois foi levantada mais uma vez com o lançamento do filme *Aves de Rapina*.

É importante destacar, também, que a direção do filme é composta majoritariamente por homens. Como em grande parte das produções audiovisuais, não se tomou o cuidado de representar a protagonista de uma maneira menos apelativa e condizente. Nota-se, portanto, que Arlequina, embora cativante por seu bom humor e jeito espontâneo de ser, é uma personagem elaborada para agradar o público masculino conforme padrões subjetivos da sociedade, na qual as mulheres devem servir aos homens como seus superiores.

### **AVES DE RAPINA**

Baseado no grupo de super-heroínas *Aves de Rapina*, dos quadrinhos da *DC Comics*, o filme *Aves de Rapina: Arlequina e Sua Emancipação Fantabulosa* foi lançado em fevereiro de 2020 pela produtora *Warner Bros.* e é o oitavo filme do Universo Estendido da *DC*. Além de possuir direção de Cathy Yan e roteiro de Christina Hodson, a obra conta com a participação de sua estrela Margot Robbie (atriz que interpreta Arlequina) na equipe de produção, composta majoritariamente por mulheres. A trama se passa sob narração da personagem Harley Quinn contando sua história do término do relacionamento com o Coringa e a união com um grupo de mulheres que posteriormente se tornam as vigilantes que dão nome ao filme.

Inicialmente, *Aves de Rapina* traz uma contextualização sobre a história da protagonista antes de sua vida no crime. Nascida com o nome Harleen Quinzel, Arlequina teve uma infância conturbada e ainda muito jovem foi abandonada pelo pai em um convento. Apesar de tudo, graças a suas habilidades como ginasta, conseguiu ingressar na faculdade, obtendo PhD em psiquiatria. Foi exercendo sua profissão no Asilo *Arkham* que Harleen conheceu e se apaixonou perdidamente por Coringa, a ponto de perder toda a noção de quem era. Em virtude deste amor, entra para o mundo do crime, servindo a seu amado “Sr. C.”<sup>82</sup>.

É durante a aproximação com Coringa que Harleen Quinzel se torna Harley Quinn, em referência ao bobo da corte medieval “*Harlequin*” (Arlequim em português). Eventualmente o relacionamento acaba. Harley perde a proteção do seu antigo amor e começa a repensar sobre

---

<sup>82</sup> Termo utilizado por Arlequina durante as obras para se referir ao Coringa.

---

alguns erros do passado, embarcando em busca de uma nova identidade que marca sua emancipação.

No decorrer do filme, após efetuarmos uma leitura profunda e humanizada acerca da construção da personagem, a protagonista explica: “o trabalho de um Arlequim é servir. Uma audiência. Um mestre. Sabe... Um Arlequim não é nada sem um mestre. E ninguém dá a mínima para quem somos além disso” (BIRDS..., 2020). Esta afirmação deixa ainda mais evidente a forma que a personagem era tratada por Coringa, como inferior e mera serviçal.

A primeira questão divergente de *Esquadrão Suicida*, é que em *Aves de Rapina* Arlequina não é a única, ou uma das únicas mulheres presentes em um grupo de sua maioria composta por homens (FRANÇA, 2020). Ademais, não seguiu a linha da personagem como uma “donzela em apuros” que depende de um homem para ser salva ou protegida. Neste caso, ela toma as iniciativas e luta para se salvar. A relação da protagonista com o ex-amor, apesar de sustentar a história, é levantada apenas para explicar algumas situações, tanto que o anti-herói só possui uma aparição no filme, de costas e sem fala.

Além disso, a personagem mantém sua típica representação, marcada pela personalidade irreverente, frisada através do humor, carisma e por sua postura sensual. Todavia, segundo a Sabbaga (2020, n.p), em análise feita para o site de cultura pop Omelete, “Ao trazer uma mulher ao comando na nova produção, a Warner fez um movimento claro de mudar a representação de Arlequina nas telas [...] a DC tomou nas mãos a responsabilidade de ajustar Harley aos moldes das discussões atuais”. Através das lentes de Cathy Yan, notamos um enquadramento totalmente diferente, a câmera “trabalha em prol da história do filme e dos personagens, não da sexualização” (FRANÇA, 2020, n.p).

Ao trazer a protagonista sem a incessante busca por um novo amor e acompanhada por um grupo de mulheres, foi possível exaltar outros aspectos de sua construção além da sensualidade. Seguindo a lógica da escritora e roteirista Clarice França (2020, n.p), divulgada no site de cultura pop Nebulla, “Quando existem várias mulheres na mesma história, com algumas sensuais e outras não, isso dá uma complexidade maior para as personagens. Sim, a Arlequina pode ser sexy, mas ela é um tipo de mulher entre várias possibilidades”. Dessa maneira, o filme não segue o estereótipo da ficção presente em *Esquadrão Suicida*, que insere uma figura feminina em meio a um grupo de homens para ser o interesse romântico.

Enquanto no primeiro filme o vestuário de Arlequina é trabalhado através do sexismo e da postura hipersexualizada, utilizando apenas roupas minúsculas e provocantes, o segundo reflete a irreverência e diversão da personagem. Harley segue fazendo uso de suas marcantes maquiagens e utiliza do mesmo estilo chamativo de roupas, porém, isso nunca é trabalhado em perspectivas que coloquem seu corpo em exposição, contrariando o conceito desenvolvido por Laura Muvley (*Male Gaze*), que busca construir a personagem, a fim de torná-la um objeto de desejo para o público masculino. O filme não busca acabar com a essência sensual da personagem, mas mostrar que ela não se resume apenas à sua fisionomia, oferecendo perspectivas válidas quanto a uma representação mais assertiva da figura feminina.

O filme também ressalta casos de conquistas de mulheres em que homens recebem o crédito. Inicialmente, na contextualização da protagonista com seu antigo relacionamento, Arlequina compartilha suas frustrações quanto a ser o cérebro por trás de inúmeras conquistas em que Coringa se posicionava como realizador, recebendo fama por elas. Posteriormente, essa questão é novamente levantada por meio do episódio em que Montoya, detetive que futuramente se torna integrante do grupo *Aves de Rapina*, soluciona um caso “de carreira” e outro membro da delegacia leva os créditos, recebendo uma promoção (cargo maior) que seria dela. A partir disso, a detetive é descredibilizada como profissional, inclusive por homens que ocupam posições inferiores no batalhão, por não acreditarem em sua capacidade.

Nesse sentido, relembramos que por muito tempo os papéis na sociedade foram segmentados, ao homem cabia a inserção na esfera pública (como ser racional, estaria apto a se inserir na vida política) e a mulher o recolhimento na esfera privada (vida doméstica, meramente natural). Devido a essa desigualdade histórica, observamos determinados fatores ainda presentes na sociedade como uma normalização do papel masculino detendo maior exercício de poder que a mulher. Segundo Ana Colling (2004, p. 21),

O poder patriarcal se expressa diretamente na ordenação legislativa que justifica a desigualdade. Este poder que resiste durante séculos produz saber e transforma-se numa ação normalizadora sutil do poder. Os papéis sexuais, tanto masculinos como femininos, são produtos na configuração do poder, são lugares ocupados em uma situação estratégica complexa, que dotam o masculino de um maior exercício de poder que a mulher.

Assim, há uma desvalorização do trabalho da mulher, tornando-se rotineiro que grandes feitos sejam associados à realização masculina. Nesta lógica, seria mais “fácil” acreditar que o trabalho foi realizado pelo homem que se manifestou como idealizador do que cogitar/acreditar na hipótese de que foi realizado por uma mulher. O filme trabalha a questão do empoderamento a partir da desvinculação com o ambiente e pessoas que desacreditavam da competência das personagens, que agora se emanciparam de uma atmosfera prejudicial.

Além disso, em *Aves de Rapina* percebemos que as habilidades de psiquiatra de Arlequina foram mantidas, mesmo após passar pelo tratamento de choque do Coringa. Em *Esquadrão Suicida* este lado da personagem é pouco abordado, ela é reduzida a integrante sexy, insana e apaixonada pelo Sr. C.. No novo filme, no qual as cenas de luta receberam um maior destaque neste filme, tal conhecimento é utilizado para entender seus inimigos e até usar isso a seu favor durante os combates. Uma das questões mais aparentes quanto a diferença na representação de Arlequina entre as obras é comparando as seguintes situações:

**Figura 2.** Representação de Arlequina em duas cenas similares



Fonte: Omelete (2020).

De acordo com a repórter Sabbaga (2020, n.p), “os dois filmes tiveram cenas com a personagem lutando em uma enxurrada d’água, de camiseta branca. Enquanto a Arlequina de *Esquadrão Suicida* fica com a blusa colada e sutiã aparente, a câmera de Yan usa a água de modo estático à favor da ação, e nunca para acentuar o corpo da personagem”. Assim, observamos com ênfase a presença e a diferença que a direção feminina tem sob a ótica passada através das câmeras na representação da mulher. A figura feminina não perde sua beleza ou sensualidade, apenas passa a ser representada de maneira adequada, em prol da construção da personagem e não de seu corpo.

---

## CONCLUSÃO

Historicamente, o olhar masculino sempre orientou a forma como a figura feminina seria representada nos meios de comunicação. Todavia, ao longo do tempo determinados padrões e comportamentos sociais, que antes eram aceitos, foram sendo alterados. Se fazendo necessário que produtos comunicacionais se atualizem para algo que, em contexto atual, seja condizente à realidade da sociedade. Caso não haja esta atualização, não serão aceitos pelo público em geral, como é o caso do filme *Esquadrão Suicida*, que teve grande repercussão negativa devido a sua representação sexualizada da personagem Arlequina.

Ao analisarmos os filmes tratados neste artigo, torna-se evidente a influência que a direção tem na representação feminina. Enquanto sob o olhar masculino Arlequina foi amplamente objetificada, através de vestes minúsculas e jogadas de câmera, sob a ótica feminina, conseguimos perceber como a personagem é forte e capaz, não resumindo-se a seu corpo e a seu relacionamento com Coringa.

É válido ressaltar que personagens femininas não costumam ocupar a posição de protagonismo em filmes sem que estejam associadas à presença de um homem. Neste caso, Arlequina teve sua primeira aparição no cinema através do filme *Esquadrão Suicida*, que moldou a imagem da personagem para futuras produções. Em *Aves de Rapina*, esta imagem não pode ser totalmente alterada, visto que já era uma representação consagrada. Dessa forma, as produtoras precisaram se reinventar para adequar a personagem nos moldes atuais, mantendo sua personalidade irreverente e sensual.

Ademais, é importante frisar que as mudanças discursivas na representação da personagem Arlequina, observadas através da análise dos filmes, estão em diálogo com a teoria social e a estrutura simbólica naturalizada culturalmente. Muitas vezes, essas mudanças ocorrem concomitante às lutas sociais vigentes no momento. Sendo assim, comportamentos sociais vão sendo alterados conforme o tempo, afetando também a maneira com que produtos midiáticos são realizados. Para uma maior aceitação, as instituições produtoras de conteúdo devem estar a par das discussões vigentes na sociedade e em constante atualização.

---

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, T. I.; PASSOS, M. Y. Libertando-se da sombra do palhaço: a reinvenção de Arlequina nos Novos 52. **Revista Sociopoética**, v. 1, n. 22, p. 184-196, jan./jun. 2020.

BARBOSA, T. I. Arlequina e a Representação do Feminino na Imagem Dicotômica da Anti-Heroína. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 43., 2020, Salvador. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom, 2020.

BIRDS of Prey (and the Fantabulous Emancipation of One Harley Quinn). Direção de Cathy Yan. [S.l.]: Warner Bros. Pictures, 2020. 1 DVD (109 min.).

COLLING, A. **Gênero e Cultura: Questões Contemporâneas**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2004.

CRUZ, A. L. O olhar predador: a arte e a violência do olhar. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 89, p. 71-87, 2010.

FRANÇA, C. **Nebulla in: Aves de Rapina | Arlequina é sexy sem ser um objeto sexual**. 2020. Disponível em: <https://www.nebulla.co/aves-de-rapina-arlequina-e-sexy-sem-ser-um-objeto-sexual/>. Acesso em: 10 jul. 2020.

MISS Representation. Direção e produção: Jennifer Siebel Newsom. [S. l.: s. n.], 2011. Netflix. (90 min.).

SABBAGA, J. **Omelete in: Como o olhar feminino fez diferença para Arlequina e Mulher-Maravilha**. 2020. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/dc-comics/arlequina-aves-de-rapina-mulher-maravilha-olhar-feminino>. Acesso em: 10 jul. 2020.

SMITH, S.L.; CHOUETI, M.; YAO, K. et al. **Inclusion in the Director's Chair: Analysis of Director Gender & Race/Ethnicity Across 1,300 Top Films from 2007 to 2019**. USC Annenberg, 2020. Disponível em: <http://assets.uscannenberg.org/docs/aii-inclusion-directors-chair-20200102.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2020.

SUICIDE Squad. Direção de David Ayer. [S. l.]: Warner Bros. Pictures, 2016. 1 DVD (122 min.).